

universidade federal de goiás
faculdade de artes visuais

raíssa ramos dos santos

**a memória,
o mar e
as suas
intercorrências**

goiânia
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Raíssa Ramos dos Santos

A memória, o mar e as suas intercorrências

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Raíssa Ramos dos Santos

Título do trabalho: A memória, o mar e as suas intercorrências

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Raíssa Ramos Dos Santos, Discente**, em 08/12/2025, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5792742** e o código CRC **FIAD9E8**.

Raíssa Ramos dos Santos

A memória, o mar e as suas intercorrências

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Professor/a orientador/a: Dr. Flavia Leme de Almeida

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ramos dos Santos, Raíssa

A memória, o mar e as suas intercorrências [manuscrito] / Raíssa Ramos dos Santos. - 2025.
XLIII, 43 f.

Orientador: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Cidade de Goiás, 2025.

Inclui fotografias.

1. bordado. 2. artes visuais. 3. fotografia . 4. mar. 5. memórias afetivas. I. Leme de Almeida, Flávia, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e seis dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A memória, o mar e as suas intercorrências", de autoria de Raíssa Ramos dos Santos, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.ª Dr.ª Flávia Leme de Almeida - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG) e Ms. Luiza Domingos Barra (PPGACV/FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,0 (oito), tendo sido o TCC considerado Aprovado com ressalvas.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiza Domingos Barra, Usuário Externo**, em 12/12/2025, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5857090** e o código CRC **B6D3B9B6**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é feito em cima de minhas memórias. E quero agradecer as memórias que me habitam e as pessoas que, de alguma forma, me ajudaram a transformá-las em narrativa. A minha mãe, Márcia, te ver trabalhando com as linhas foi fundamental para aprender sobre o bordado (mesmo sem forma involuntária), obrigada por ser meu alicerce e a minha inspiração. Ao meu pai, Kleber, que sempre foi meu melhor amigo, costurando em mim o afeto necessário para seguir. A minha orientadora, Flávia, por me guiar durante esse percurso com sabedoria e delicadeza. Aos amigos e colegas, pela presença e trocas que sempre me trouxe leveza. Mas em específico, a Giovanna, que passou de colegas de faculdade para amiga da vida, que durante essa caminhada cheia de troca de experiências, fez com que eu pudesse ver a vida acadêmica de forma mais leve. E também a Gabrielly, que há mais de 20 anos tem sido minha família. Saibam que cada ponto bordado e cada fotografia ressignificada, carrega também um pouco da contribuição de todos vocês que já passaram pela minha vida. Sem esses fios, este trabalho não teria se tecido. E como disse Cris Pizzimenti: “E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós”.

*“A cura de qualquer coisa está
na água salgada. Seja no suor,
nas lágrimas ou no Mar.”*

Karen Blixen

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo artístico do bordado, passado de geração em geração, por meio da minha linhagem materna. Esta técnica consolidou as intercorrências das minhas memórias afetivas ao bordar mensagens sobre as imagens fotográficas de álbuns de fotografias familiares que, assim como o mar, passaram por mudanças. O gesto do bordado, lento e manual, assume interferência na superfície das fotografias como forma de escrita sensível, traçando não só lembranças, mas também suas profundidades. Tal qual a memória, o mar não é linear, é inconstante e intangível.

PALAVRAS-CHAVE: bordado; fotografia; memórias afetivas; mar; artes visuais.

ABSTRACT

This work presents the artistic process of embroidery, passed down through generations via my maternal lineage. This technique consolidated the situations of my affective memories by embroidering messages onto photographic images from family photo albums that, like the sea, have undergone changes. The slow, manual gesture of embroidery intervenes on the surface of the photographs as a form of sensitive writing, tracing not only memories but also their depths. Just like memory, the sea is not linear; it is inconstant and intangible.

KEYWORDS: embroidery; photography; affective memories; sea; visual arts.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| O fio da meada | 13 |
| 1. Bordando as memórias..... | 17 |
| 2. Um sonho todo azul, azul da cor do mar | 29 |
| Nó arremate | 39 |
| Referências | 41 |

O FIO DA MEADA

achar o fio à meada¹

1. Perceber a lógica ou o funcionamento de alguma coisa.

O fio da meada se inicia através de uma análise entre o álbum de fotos da minha família e a influência do bordado sobre minha produção artística. O foco aqui se baseia em trazer o bordado feito em fotografias familiares, propondo uma prática de recomposição sensível das lembranças primevas. Não é uma apropriação de memórias alheias, mas, ao compartilhar as minhas, abro espaço para que outras pessoas também se reconheçam nelas.

Antes de mergulhar na técnica de bordado, é relevante discorrer que, no começo da graduação, explorei uma área de colagem digital, usando recortes, sobreposições e edição de imagens e frases ligadas a músicas, como uma forma de intervenção e expressão. E, apesar das fotos não terem sido tiradas por mim, mas sim por pessoas que são caras, a intervenção feita por mim através do *photoshop*, foi uma forma de ressignificar um tipo de memória. Então, desde o começo, eu já vinha seguindo uma linha a respeito de experiências, memórias e todo o afeto em torno disso.



Figura 1: Raíssa Santos, *Série: As canções que você fez pra mim*, 2023. Intervenção em fotografia feita pelo *Photoshop*. 1600 x 900 px. Fonte: arquivo pessoal.

¹ "achar o fio à meada", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/achar%20o%20fio%20C3%A0%20meada>.



Figura 2: Raíssa Santos, *Série: As canções que você fez pra mim*, 2023. Intervenção em fotografia feita pelo Photoshop. 1600 x 900 px. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 3: Raíssa Santos, *Série: As canções que você fez pra mim*, 2023. Intervenção em fotografia feita pelo Photoshop. 1600 x 900 px. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4: Raíssa Santos, *Série: As canções que você fez pra mim*, 2023. Intervenção em fotografia feita pelo Photoshop. 1600 x 900 px. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5: Raíssa Santos, *Série: As canções que você fez pra mim*, 2023. Intervenção em fotografia feita pelo Photoshop. 1600 x 900 px. Fonte: Acervo pessoal.

Esse processo dentro do meio digital, me ajudou a nortear e moldar a direção de toda a minha poética. No começo, existia uma preocupação relacionada a esse fator, apesar de já existir um desenvolvimento em torno de memórias afetivas, o digital não era o bastante, a arte precisava sair da tela, ela precisava ser expandida e palpável. Pensando nisso, apareceu a ideia das memórias familiares através do álbum de fotos e a expansão do bordado.

As memórias nascem de um fio, entrelaçado por experiências, afetos e narrativas afetivas. Ao revisitar o passado, cada lembrança se apresentou como um fragmento que pode ser reconstruído, reinterpretado ou ressignificado. Aqui, o bordado surgiu como uma prática artística capaz de materializar o ato de recordar. O gesto de bordar, linha após linha, remete à tentativa de organizar o que se fragmenta no tempo, de dar forma ao que permanece apenas na esfera do sensível.

Mesmo ciente de que a fotografia fala por si só, eu as utilizo como uma forma de suporte poético (e também documental). A cor azul e o mar atravessam este processo como símbolos recorrentes, o azul é da cor do mar. Ela traz uma fluidez, uma memória ancestral e as incertezas que permeiam as recordações. Aqui, o mar é compreendido como metáfora das intercorrências da memória, um movimento constante, fluxo e refluxo de lembranças que vêm e vão, alterando-se a cada maré. É nesse movimento que se constroem as narrativas pessoais e familiares, ora nítidas, ora turvas, como o mar que acolhe e devolve fragmentos.

Este trabalho parte do encontro entre memória, afetos e família. O bordado sobre fotografias torna-se, um ato de reconstrução e reinvenção da memória, ela resgata o que o tempo desfaz, costurando novas possibilidades de lembrar. O que vem a seguir, é um processo de autoconhecimento, onde o bordado se encontra nas fotografias e todo o processo até o trabalho apresentado no final. Os percalços e encontros de uma jornada carregada de descobrimentos. Assim, o “fio da meada” é também o fio da vida, que conduz pelas intercorrências da memória, revelando que toda memória é, antes de tudo, uma travessia.

1. BORDANDO AS MEMÓRIAS

Memória²

(me·mó·ri·a)

substantivo feminino

1. Faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço.
2. Lembrança.

Tenho uma forte lembrança de um momento da minha infância, e é de minha mãe bordando um pano de prato. Fazia parte da rotina ver ela costurando roupas, fazendo tapetes, bordando toalhas e tantas outras coisas para poder enfeitar e decorar a casa. Eu e minha família somos de Correntina, interior do oeste da Bahia, atualmente moramos em Goiânia, Goiás, mas ainda faz parte do costume, visitar as minhas tias e a minha avó e as ver realizando seus artesanatos manuais, é uma cultura que ainda segue viva. Minha mãe também continua enfeitando a casa e presenteando suas amigas com bordados e crochês. Selecionei alguns de seus antigos bordados para ilustrar sua produção (figuras 6 a 8).



Figura 6: Bordado em pano de prato, [s.d]. Fonte: Arquivo pessoal.

² "memória", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <<https://dicionario.priberam.org/mem%C3%B3ria>>.



Figuras 7 e 8: Bordado em pano de prato, [s.d]. Fonte: Arquivo Pessoal.

Posso afirmar sem dúvidas que, o bordado, é uma tradição que ainda predomina no meu ambiente familiar. Isso, felizmente, não se restringe somente na minha família, já que no Brasil o bordado também é a principal prática artesanal em 75% dos municípios brasileiros³. Apesar dessa porcentagem significativa, é importante ressaltar que no nordeste brasileiro, o bordado (assim como outras formas de artesanato e atividades manuais) vai além de uma técnica, mas traz também uma representação da identidade⁴ de todo um povo, pois além de fazerem parte da rotina das pessoas, é uma forma de sustento.

Além da referência familiar ser forte e presente, também é válido apresentar os artistas que me ajudaram dentro da poética. Como a Rosana Paulino, doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Eca/USP, abordado situações decorrentes do racismo e dos estigmas deixados pela escravidão que circundam a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Ela trabalha com diversos tipos de manifestação artística, incluindo o bordado e a fotografia. Em 2018, a artista realizou uma exposição com diversas obras, onde o tema era *A Costura da Memória*, na imagem abaixo, tem a obra *Bastidores* (1997), uma série de suportes para bordar com figuras de mulheres de sua família impressas em tecido cujos olhos, bocas e gargantas

³ Ponto a ponto, o IBGE mostra um país de bordadeiras. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13210-asi-ponto-a-ponto-o-ibge-mostra-um-pais-de-bordadeiras>>.

⁴ Descubra a Riqueza do Artesanato Nordestino: Cores, Tradição e História. Disponível em: <<https://imaginariobrasileiro.com.br/blogs/news/artesanato-nordestino-riquezas#:~:text=S%C3%A9culo%20XIX:%20Renda%20e%20Bordado.fundamental%20na%20identidade%20cultural%20nordestina>>.

estão costurados, indicando o emudecimento imposto às mulheres negras, muitas vezes fruto da violência doméstica. Rosana também usa a sua história e as memórias familiares para trazer da vida para arte, uma forma de protesto acerca das políticas envoltas de suas vivências, e conseqüentemente, de outras pessoas que também se identificam com as histórias. A própria artista compartilha:

Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição no mundo.

(PAULINO, 2016)⁵



Figura 9: *Bastidores* (1997), integrante da exposição *Costura da Memória*, realizada na Pinacoteca de São Paulo de dezembro de 2018 a março de 2019 – Imagem: Reprodução/Museu de Arte Moderna (MAM).

Seus trabalhos são pertinentes, pois atravessa e passeia por caminhos históricos e relevantes para a arte. Abordando a escravização da população negra no Brasil, pensando também como essa história foi e é contada e como se desdobra na sociedade atual. Rosana é uma artista que trabalha e também desafia a nossa própria memória. Suas obras são uma forma de questionar o passado, para não repetir no futuro.

⁵ DA, I. **Rosana Paulino: a mulher negra na arte.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/rosana-paulino-mulher-negra-na-arte/>>.



Figura 10: *Parede da memória* (1994), Rosana Paulino. Tecido, microfibras, xerox, linha de algodão e aquarela. 8,00 cm x 8,00 cm. Acervo da Pinacoteca de São Paulo.

Na obra *Parede da Memória*, a artista utiliza fotografias antigas de sua família coladas e bordadas sobre tecido para produzir uma série de patuás. A artista costumava brincar com uma caixa de fotografias dos pais e essas reproduções fotográficas de onze membros de sua família (crianças, mulheres, pai e filha) foram aplicadas nesta obra. A versão atual da obra tem 1500 patuás organizados em diferentes combinações, repetido muitas vezes, num jogo que aciona nossa memória. Os patuás funcionam como um tipo de amuleto, de acordo com diversas religiões de matriz africana, ele protege e traz sorte ao portador.

Ao fazer isso, Rosana traz elementos que não só remetem às memórias individuais e familiares, de caráter autobiográfico, mas também à memória social e temporal. E tendo esse caráter como inspiração e referência, me inseri no campo do bordado. Com uma série intitulada *Me Recordo Assim*, onde separei quatro fotos do álbum de família, fiz a fotocópia delas, coleí pedaços de papel kraft e bordei o título de canções que de alguma forma tivessem sentido e remetesse ao momento registrado. A origem disso tudo se deu pois, venho de um lugar extremamente rico em vivências, eu não pude vivenciar o que meus pais vivenciaram naquele lugar, mas passando pelas inúmeras fotos do álbum da família, eu consigo experienciar um pouco e, trabalhando com o bordado, eu consigo de alguma forma deixar essa memória viva.



Figura 11: Série: *Me Recordo Assim*, 2023. Bordado e colagem de papel kraft em fotocópia. 10 x 15 cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 12: Série: *Me Recordo Assim*, 2023. Bordado e colagem de papel kraft em fotocópia. 10 x 15 cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 13: Série: *Me Recordo Assim*, 2023. Bordado e colagem de papel kraft em fotocópia. 10 x 15 cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 14: Série: *Me Recordo Assim*, 2023. Bordado e colagem de papel kraft em fotocópia. 10 x 15 cm. Fonte: arquivo pessoal.

Na figura 11, aparecem na fotografia a minha tia (que está de chapéu), minha prima ao seu lado direito e, em seguida, a minha mãe. Nesta fotografia escolhi o nome da música *Baianidade Nagô* da Bamdamel. Na figura 12, aparecem eu e meus pais em um dos meus primeiros aniversários em Goiânia, a música escolhida foi *Como tudo deve ser* de Charlie Brown Jr. Na figura 13, minha mãe está ao centro da foto, grávida do meu falecido irmão, com minhas tias ao redor, a música escolhida foi *Mimar você* de Timbalada. Na figura 14, minha mãe está com um grupo de amigos, a música escolhida foi *Diga que valeu* do Chiclete com Banana.

Durante minha pesquisa, encontrei alguns artistas que também produzem bordados em fotos que foram importantes referências para minha produção. Uma das artistas que me inspirei foi a artista brasileira Juliana Naufel que, desde 2016, utiliza o bordado em fotografias antigas em preto e branco ora de seu acervo pessoal, ora de desconhecidos. Temas como músicas, pautas políticas e memórias fazem parte de seu repertório artístico, em alguns deles a artista também brinca com colagens e sobreposições, tudo para trazer a nostalgia das memórias.⁶



Figura 15: *Tubarão* (2019), Juliana Naufel, Bordado sobre fotografia. 9 x 16 cm. Fonte: https://kobbigallery.com/artistas/12?srsId=AfmBOorQge_H0haFAdhsWwHeswIZ4PoLeE5AJvEDESuVP7Djt31kPuuf.

⁶Juliana Naufel (naufss) | WOW. Disponível em: <https://womenonwalls.co/juliana_naufel_naufss>. Acesso em: 2 nov. 2025.



Figura 16: *When You're a Woman* (2018-2021), Juliana Naufel, Bordado sobre fotografia. Fonte: <https://www.naufss.com/portfolio/everything-is-political>.

É demasiadamente bonito e memorável o modo como os bordados são capazes de expressar emoções e, ao mesmo tempo, ilustrar por meio de palavras e símbolos as histórias e sentimentos. Em sua minibiografia, Naufel escreveu:

O ato de bordar uma imagem traz a possibilidade de perdoar o passado e abrir espaço para um presente mais leve, amoroso e cheio de afeto. Fotografias carregam energia e histórias, e ao manipular esses momentos eternizados em preto e branco a artista borda com muito carinho e respeito novas formas de liberar questões de sua própria vida e da vida das pessoas ao seu redor com o uso de afirmações e mensagens de esperança, afeto e carinho.

(NAUFEL, [s.d]).⁷

Transformar o presente em algo mais leve, amoroso e cheio de afeto também é uma forma de ressignificar as memórias, sabendo que elas passam por intercorrências ao decorrer da vida. Pensando sobre isso, desenvolvi duas obras realizadas no ano de 2024, onde misturei as técnicas do bordado e colagem. Inspirada no título da música *Me ajude a*

⁷ Juliana Naufel (naufss) | WOW. Disponível em: <https://womenonwalls.co/juliana_naufel_naufss>. Acesso em: 2 nov. 2025.

salvar os domingos da cantora Liniker, e a outra, com a frase autoral *Arte também é coisa de criança*.



Figura 18: *Me ajude a salvar os domingos*, 2024. Bordado e colagem em papel kraft. 16 x 22 cm. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 19: *Arte também é coisa de criança*, 2024. Bordado e colagem em papel kraft. 16 x 22 cm. Fonte: arquivo pessoal.

É certo reconhecer que o caráter ancestral presente no bordado, é algo que vai além de uma técnica artística, remete a uma manifestação e expressão histórica, remetendo a um aconchego e afeto de memórias familiares.⁸ Um exemplo dessa manifestação, é que existem famílias como a Grupo Matizes Dumont de Minas Gerais, que há três gerações de bordadeiras. Praticantes do bordado afetivo e livre, o grupo foi fundado pela mãe Antônia Zulma Diniz Dumont, falecida em 2023, e atualmente composto pelo filho Demóstenes e as filhas Ângela, Marilu, Martha e Sávia. Além disso, o grupo desenvolveu uma oficina psicopedagógica chamada 'A(Bordar) o Ser', onde a função terapêutica do bordado possibilita experimentar uma conexão da sensibilidade, poesia e história de vida dentro da criação artística no bordado.



Figura 18: *Mulheres que bordam entre rios* - Grupo Matizes Dumont, [s.d]. Bordado sob Papel Canson 385 g/m². 40 x 31 cm. Fonte: https://www.matizesdumont.com/products/mulheres-que-bordam-entre-rios?_pos=1&_sid=e983e91d9&_ss=r.

E, como uma técnica ligada à tradição, se apresenta como uma prática coletiva, de forma contínua e simbólica, fazendo menção ao passado, ou seja, remetendo de algum modo à memória do passado, é uma forma de seguir praticando o que aprendeu –

⁸ RIBEIRO, G. **Bordado volta à moda para eternizar momentos especiais e já é a principal fonte de renda de muitos jovens.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/07/09/bordado-volta-a-moda-para-eternizar-momentos-especiais-e-ja-e-a-principal-fonte-de-renda-de-muitos-jovens.ghtml>>.

principalmente quando é algo que faz parte de uma rotina. Criando-se o que foi citado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (1984) como tradição inventada:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

(HOBSBAWN, 1984, p.9)

O bordado é uma história sendo escrita, aborda presente, passado e futuro. É uma mensagem sendo transmitida, algo que não atravessa só o material de forma física e literal, mas também o tempo, memórias, que estão envoltas às emoções e sentimentos que elas remetem. Conforme Fayga Ostrower (1976), a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. E todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida.

Sabendo de realidades e contextos culturais diferentes, é notório pensar e abordar acerca da origem e tempo do bordado no Brasil, porém é difícil achar informações e registros exatos, ainda hoje existem poucas pesquisas voltadas à investigação do percurso e contexto histórico. Sabemos que a América Latina já era habitada antes das presenças dos colonizadores europeus e, portanto, a sua arte já era propagada, desde muito antes das invasões.⁹ Da mesma forma que é injusto afirmar que a sua origem só se deu por conta da influência europeia, também seria injusto afirmar que depois disso, a arte feita pelos povos originários, não sofreu as alterações e modificações.

O bordado em um manto achado durante o século II, dos povos indígenas da região de Paracas, no Peru, mostram algumas dessas evidências físicas (figura 19). Uma arte têxtil tão carregada de detalhes minuciosos, que foram desde muito antes produzidos pelos povos indígenas da época. Na figura 20, é possível ver um bordado em um grande manto feito de tecido liso, o desenho simboliza uma das divindades voadoras da região.

⁹ **Arte & reconhecimento das identidades latino-americanas.** Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/arte-reconhecimento-das-identidades-latino-americanas/>>.



Figura 19: *Embroidered Mantle Fragment*, feito pelos povos peruanos da região de Paracas. Pelo de camelo e algodão. 10,16 x 10,8 cm. Séc.II e III a.C. Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/307855>



Figura 20: *Embroidered Mantle Fragment*, feito pelos povos peruanos da região de Paracas. Pelo de camelo (ou alpacas) e algodão. 45 x 62 mm. 800 a.C - 200 d.C. Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/mantle-fragment-with-embroidered-paracas-god-paracas-artisans/EwEuBeL7q6SjJQ?hl=en>

Todavia, de acordo com Silva (1995), o bordado trazido pelos portugueses para o Brasil apresentava padrões provenientes de países como Espanha, França, Bélgica, e também de Portugal. A manipulação de materiais têxteis já era uma prática explorada pelos habitantes nativos no Brasil pré-colonial, que utilizavam fios de algodão, entre outras fibras de origem vegetal, para confeccionar vestimentas e variados tipos de acessórios e artefatos (ABREU; BENINI, 2016).

2. UM SONHO TODO AZUL, AZUL DA COR DO MAR¹⁰

Apesar de não ter nascido no litoral baiano, cresci tendo essa paixão pela água, em Correntina tem um rio que corta a cidade, então é bem comum as pessoas da região terem essa conexão e aproximação. Mas ainda me lembro como conheci o mar, foi em Porto Seguro, na Bahia em 2014. Desde então, minha vida foi genuinamente moldada e transformada, todos os meus mergulhos são tidos como uma espécie de catarse, é um sentimento de alívio, cura e renovo. O que faz sentido, já que o banho de mar é muito mais do que água, e quando nadamos voltamos ao “estado primitivo”, ou seja, algo relacionado à ancestralidade.¹¹ Tomo como minhas as palavras do filósofo francês Gaston Bachelard como forma de explicar a sensação que sinto toda vez que sou banhada por essa imensidão: “mergulha-se na água para renascer renovado.” (Bachelard, 1989, p. 151).

Mas a ideia do mar e da ligação com a cor azul, vai muito além das minhas vivências. Aqui no trabalho, o mar traz intercorrências que abraçam as memórias, renovam a alma e confortam o coração. Assim como o mar, as memórias também passam por alterações, algumas são mais profundas e agitadas do que outras, são atemporais, tudo acontece e flui de acordo com a intensidade das ondas, ou seja, da vida.

Em *A água e os sonhos*, Bachelard traz várias reflexões em torno da água (incluindo a água salgada). “O mar é maternal, a água é um leite prodigioso; a terra prepara em suas matizes um alimento tépido e fecundo; nas margens se intumescem seios que darão a todas as criaturas átomos gordurosos.” (Bachelard, 1989, p. 124). É incrível como Bachelard traz o mar como maternal pois como escreve em francês, o mar é tido como feminino, então é possível ler de uma forma poética e também entender que o

¹⁰ **Azul da Cor do Mar** - Tim Maia. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/tim-maia/48917>> .

¹¹ **Por que o mar nos faz sentir tão bem?** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg799d74133o>> .

mar apesar de grande, intenso, fundo, forte e complexo também tem a vertente de vida, acolhedora, protetora, imprevisível e até mesmo de cura.

A artista visual Marcia Xavier também trabalha com as memórias fotográficas, altamente influenciada e motivada pelo seu pai¹². Em seus trabalhos, Márcia, mistura tanto fotos próprias, quanto de outras pessoas, preferindo as aéreas e as que são mais antigas de décadas passadas.



Figura 21: Márcia Xavier. *Horizonte Inebriante Pinga*, [s.d]. vidro, metal, água e imagem em backlight. 29 x 34,5 x 14 cm.

A água, elemento central da sua pesquisa, age como um espelho que revela realidades distorcidas. Em suas instalações, garrafas, superfícies espelhadas e reflexos instáveis criam composições que dissolvem a fronteira entre o visível e o imaginado. “Transitando dos fluxos aquosos às superfícies polidas, a artista sabe que a água é o espelho primordial, e que o corpo é o grande agente definidor dos espaços”, explica Wisnik¹³.

¹² Que era piloto de avião e gravava vários tipos de filmagens, incluindo de pouso e depois disponibilizava para a família esses vídeos, compondo um acervo imagético muito rico para a artista. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/vida-de-artista>>.

¹³ Guilherme Wisnik, professor e vice-diretor da FAUUSP. Foi curador de algumas exposições, incluindo da *Natureza Transformada*, que recebeu a artista Marcia Xavier em abril de 2025. <<https://casafiatdecultura.com.br/evento/natureza-transformada-atravesamentos-espaciais-na-casa-fiat-de-cultura/marcia-xavier/>>.

Comecei a trazer a água e o mar como elementos relacionados não só a técnica do bordado, mas também da colagem. Me agrada pensar e lembrar que a forma como essa paixão pelo mar é tão intensa, que é necessário me expressar por meio de movimentos artísticos.

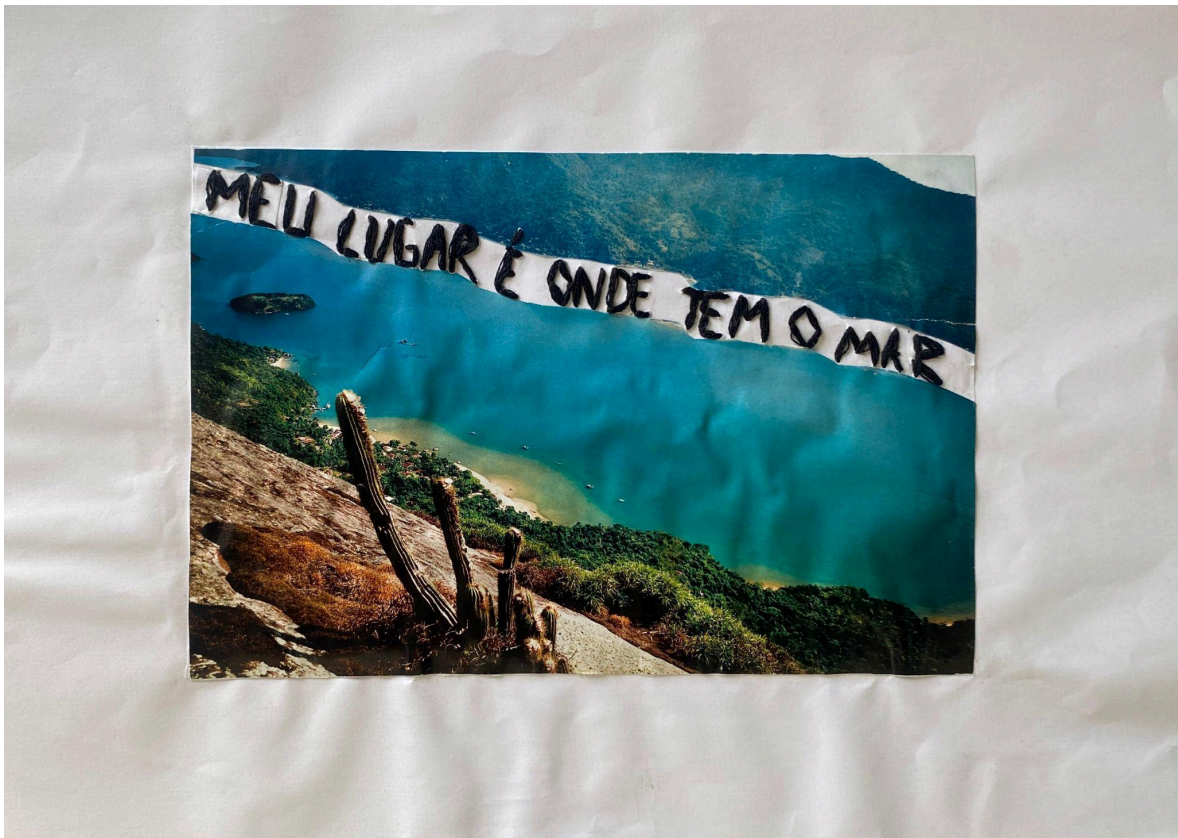


Figura 22: Raíssa Santos, *Meu lugar é onde tem o mar*, 2024. Bordado e colagem em papel sulfite. 21 x 29,7 cm. Fonte: arquivo pessoal

Chega a ser irônico refletir sobre o próprio processo criativo ao longo do desenvolvimento das obras. Durante o bordado e até mesmo na colagem, onde costuro, rasgo, furo, remendo, corto e colo, realizo ações que carregam um certo ar de violência, mas que, nesse contexto, transformo em gesto simbólico, expressão e revolução. Na obra '*Meu lugar é onde tem o mar*', figura 22, ainda não tinha uma ligação da linha ser na cor azul, por isso foi feita na cor preta. Porém no livro *A nova arte*, de Gregory Battcock (1937 – 1980), tem o capítulo que Marcia Tucker (1940 – 2006) traz a respeito da A Estrutura da Cor:

A cor afeta os olhos e o coração, tanto física como metaforicamente, de maneira muito mais direta do que qualquer outro elemento [...]. Estudos psicológicos indicam que cores “quentes”, altamente saturadas, produzem um estado de excitação, enquanto que as cores pálidas, “frias”, tendem a causar um efeito calmante, apaziguador.

(TUCKER, 2004. p. 264,265)

A palavra azul é derivada do árabe e do persa, *lázúrd*, *lazaward*, e conota uma sensação de um movimento para o infinito, para o imensurável, para o incalculado (FARINA, 1982). Metaforicamente, a cor azul representa o infinito da eternidade, a percepção da liberdade que propõem a calma e a tradição dos valores duradouros. Ele evoca atualmente o céu, o mar, a tranquilidade e o infinito. É leve, faz sonhar e é menos sublinhado durante a história em relação a outras cores. É a cor que apazigua, gera conforto, acalma e estimula a amizade, por isso foi a cor eleita por algumas organizações mundiais como a ONU e a UNESCO¹⁴, por ser considerada uma cor apartidária que remete à paz e à proximidade (PASTOUREAU, 1997).

Não poderia falar da cor azul, sem citar e lembrar da artista portuguesa Helena Almeida (1934 – 2018), dona de obras multifacetadas, sintonizada com as práticas artísticas mais avançadas para a época, a artista se coloca num território onde o seu próprio corpo é elemento nuclear. Para Almeida, o azul é sinônimo de espaço e energia:

É uma mistura de azul-cobalto com azul-ultramarino. É o azul mais energético que eu consegui fazer e que simultaneamente associo com o espaço. Não podia ser vermelho, verde ou amarelo. Tinha que ser uma cor que tivesse a ver com estas duas ideias: energia e espaço.

(ALMEIDA, 1998. p. 52).¹⁵

Helena utiliza um tom azul que já foi até comparado ao utilizado pelo artista francês Yves Klein¹⁶ e que é interpretado como a forma de Almeida se opor a esse trabalho devido à objetificação das mulheres nas obras de Klein. Nessas fotografias, surgidas na década de 1970, época em que a arte ainda era de pleno domínio masculino, Almeida

¹⁴ **Designing the Emblem of the United Nations.** Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-emblem-and-flag#:~:text=Designing%20the%20Emblem%20of%20the%20United%20Nations&text=The%20%E2%80%99CUN%20blue%E2%80%9D%20colour%20was,opposition%20to%20red%2C%20for%20war>>.

¹⁵ Helena Almeida em entrevista a Isabel Carlos, **Helena Almeida**, Milano: Electa, 1998, p. 52.

¹⁶ **Yves Klein: O Mestre do Azul e Além.** Disponível em:

<<https://arteref.com/arte/cor-corpo-e-imaterial-yves-klein/#:~:text=O%20Significado%20por%20Tr%C3%A1s%20do,sobre%20quest%C3%B5es%20existenciais%20e%20transcendentais>>.

parecia não apenas comer a cor, mas dela emergir, o que pode ser lido e tido como um ato de emancipação.

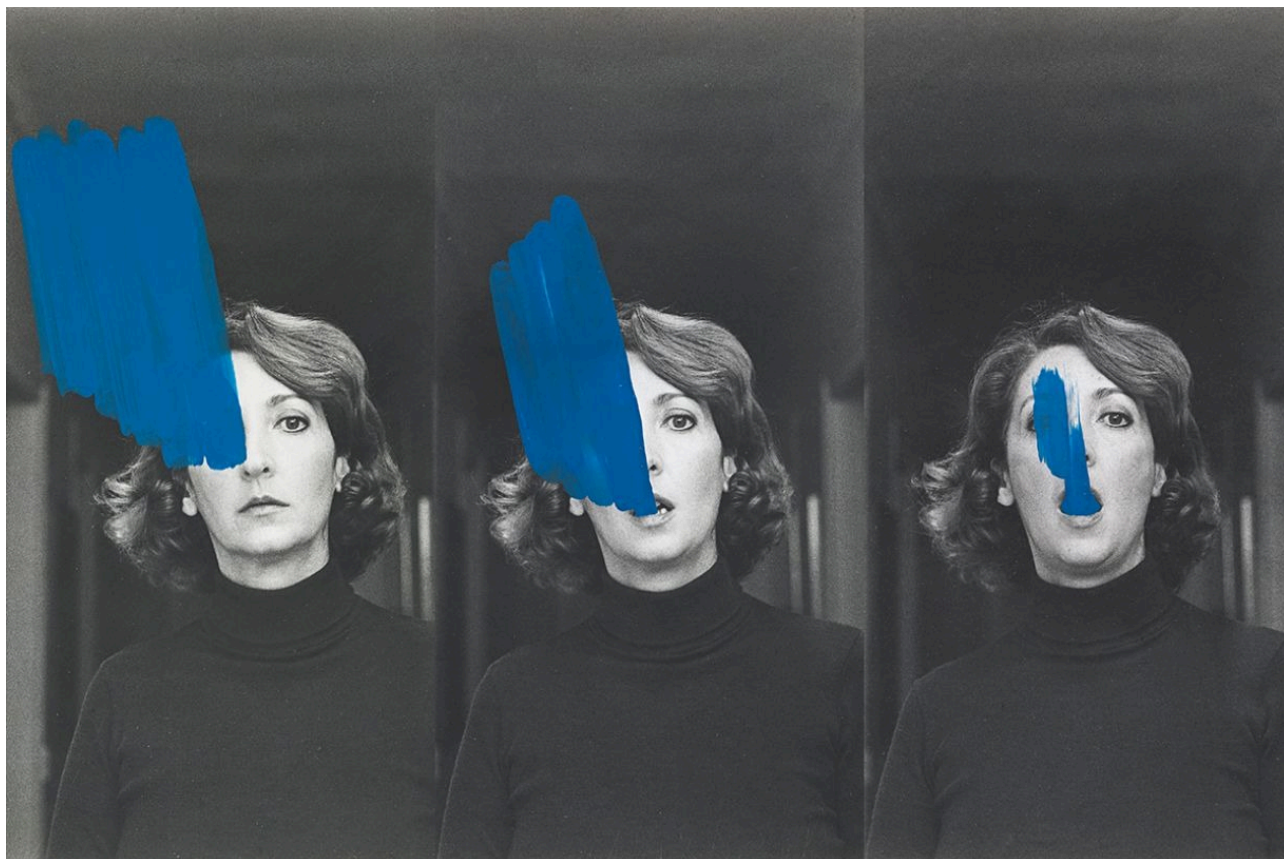


Figura 23: *Estudo para um enriquecimento interior*, Helena Almeida. 1977-1978. Acrílica sobre fotografia, políptico de seis, 53 x 42 cm (cada). Coleção Altice, Lisboa.

A vogue de Portugal trouxe “o azul não é *cien*, nem marinho, nem *klein*, é Azul-Helena-Almeida” (VOGUE PORTUGAL, 2018).¹⁷ Helena foi uma artista extremamente perspicaz e ousada, fluindo de performance à fotografia, lidando com todos os grandes movimentos artísticos que marcaram a segunda metade do século XX, principalmente por suas obras abrangem diversas reflexões durante o processo artístico: a ausência e a presença do corpo no espaço, o público e o privado, o corpo da mulher na sociedade, as relações pessoais, os sentimentos, a solidão, a falta de comunicação e a violência.

Trabalhar com memórias requer um certo zelo, pois é uma história sendo contada através de outras perspectivas. Quando pego uma fotografia e faço uma intervenção nela através do bordado, além da minha interpretação, é possível abrir interpretações de

¹⁷ **Blue is the Warmest Colour**. Disponível em: <<https://www.vogue.pt/blue-is-the-warmest-colour>>.

outras pessoas. O mar é uma metáfora, pois as memórias trazem semelhanças com o mar, pois elas têm a mesma característica mutável.

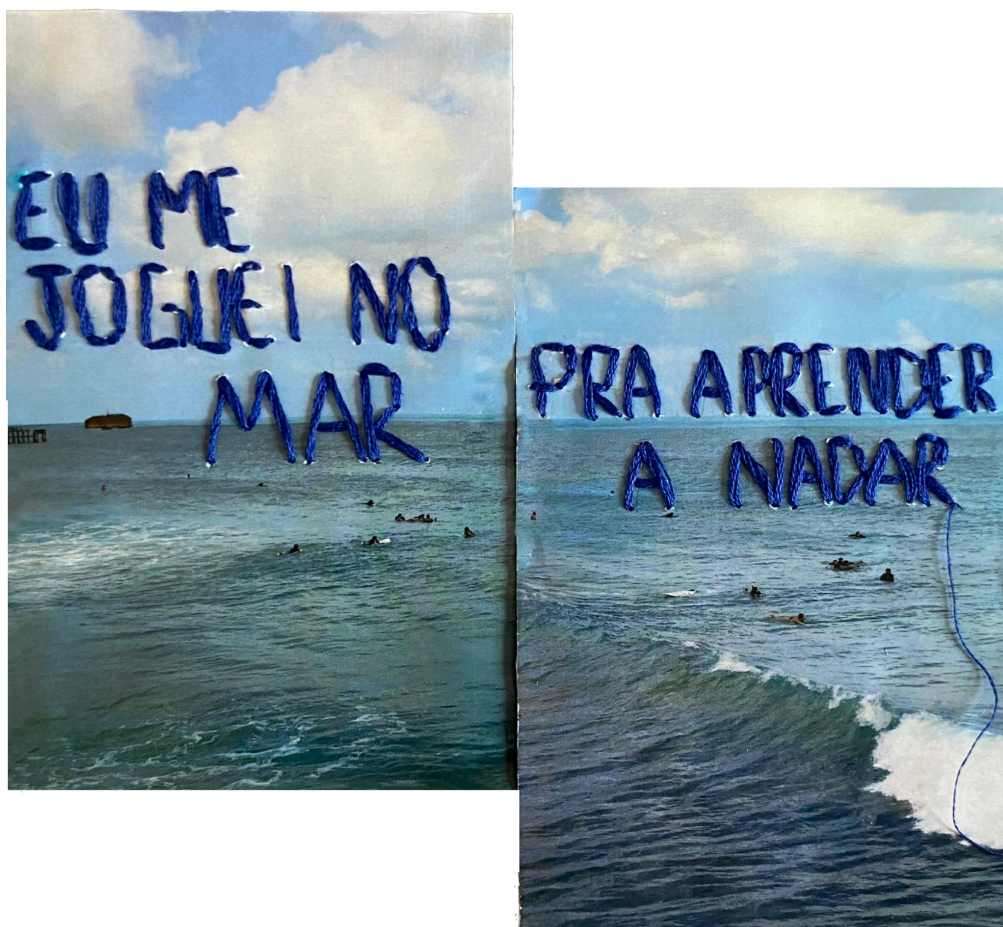


Figura 24: Raíssa Santos, *Me joguei no mar*, 2025. Bordado em papel couche. 10 x 15 cm. Fonte: arquivo pessoal.

Em *‘Me joguei no mar’*, usei fotos que tirei em uma cybershot no começo do ano de 2025, quando estive na capital do Ceará, Fortaleza. A frase é de uma música, *Esperar pra Ver* do rapper BK com a participação de Evinha, a linha solta é uma forma desse mar invadir e fazer parte da obra. Tenho bastante carinho por essa obra e foi pensando nela que desenvolvi todo esse trabalho. Assim como Almeida, também me aproprio do azul não como uma forma de torná-lo único ou de minha propriedade, mas como uma forma de expressar e dialogar com a narrativa criada.

Para o desenvolvimento do trabalho final na exposição, além de todas as referências citadas ao decorrer daqui, fui pensando e escrevendo as possíveis alternativas de fazer isso de uma forma expandida, bastante inspirada nos trabalhos de Helena Almeida. E durante as férias de Julho de 2025, tive a oportunidade de ir à sua exposição e Artur Rosa (1926 – 2020), em Portugal, na cidade de Coimbra.



Figura 25: *Desenho Habitado*, 1975. Fotografia a preto e branco com desenho e colagem de fio de crina.
Fonte: arquivo pessoal.

Quando tive contato com essa obra, além de ficar encantada, também tomei como inspiração para o trabalho. Helena trouxe um fio que foi colado em cima do vidro, ele sai da moldura, o que cria um aspecto quase que tridimensional. Com isso, tive algumas ideias, além da que foi apresentada durante a pré-banca, e elaborei todo o desenvolvimento até então. Também queria utilizar molduras e trazer essa perspectiva da linha saindo pra fora de ambas (da foto e da moldura).

Fiz então um esboço no meu caderno para poder ver como seria uma nova obra. Queria usar as mesmas imagens na figura 24, a mesma perspectiva, colocando a imagem dentro de uma moldura, mudando somente a frase.

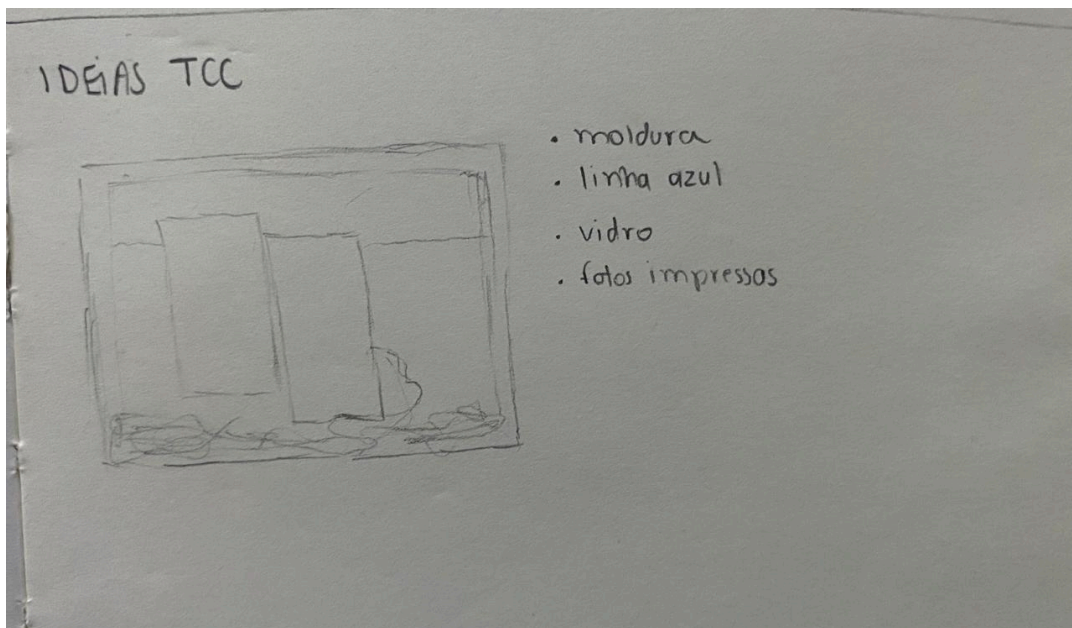


Figura 26: Imagem retirada do caderno de artista, 2025. Fonte: arquivo pessoal.

Ao decorrer do caminho tudo mudou. A princípio ficou somente uma unidade de fio solto, mas tive a ideia de multiplicar esses fios e os soltos dentro da própria moldura, porém depois de ver a obra de Helena, quis quebrar um pouco disso e expandir a obra. Retirei o vidro, deixando somente a moldura, as fotos e as linhas jogadas do chão, até se parecer realmente com um mar de fios, com o adicional de várias conchas em cima desses fios, para realmente representar o mar se expandindo junto com as memórias.



Figura 27: Resultado da obra *Eu me joguei no mar*, 2025. Fonte: Bibi Ferreira.



Figura 28: Resultado da obra *Eu me joguei no mar*, 2025. Fonte: Bibi Ferreira.



Figura 29: Resultado da obra *Eu me joguei no mar*, 2025. Fonte: Bibi Ferreira.

NÓ ARREIMATE

Arremate¹⁸

(ar·re·ma·te)

substantivo masculino

Ação ou efeito de arrematar, de pôr remate, de acabar, de concluir; término, desfecho.

Como o título sugere, chegar ao nó arremate é encerrar um percurso de investigação, reflexão e criação que foi construído a partir das minhas relações entre memória, mar, cor e bordado. Ao longo deste trabalho, foi possível compreender o bordado como uma prática que ultrapassa o campo técnico e se afirma como linguagem artística e poética, capaz de traduzir afetos, experiências e lembranças em materialidade sensível.

O processo de intervenção sobre as fotografias familiares configurou-se como um gesto de ressignificação da memória, transformando imagens estáticas em narrativas vivas, atravessadas por camadas simbólicas e temporais evocadas tanto pelas lembranças de minha mãe bordando quanto pelas histórias de outras mulheres da família. Bordar as memórias abre novas possibilidades de leitura e reconstrução do passado, operando como uma mediação sensível entre tempos distintos. Assim como nos trabalhos de Juliana Naufel e Rosana Paulino, que exploram a memória por vias diversas, o ato de bordar torna-se um modo de reinscrever experiências e reinventar a presença do que já foi.

Aqui, o mar é apresentado como metáfora das intercorrências da memória, por sua natureza cíclica, instável e transformadora, dialogando diretamente com reflexões de Bachelard sobre a água como elemento ancestral, maternal e renovador. A cor azul, por sua vez, simboliza a profundidade desse movimento, evocando serenidade, introspecção e continuidade, aspectos que dialogam com a natureza fluida e mutável das recordações. Tal qual Helena Almeida, cuja utilização do azul associa energia, espaço e autonomia do corpo feminino na arte contemporânea, me disponho desses significados para abordar subjetivamente essas questões que também me são muito caras.

Ao costurar o passado e o presente por meio do bordado, reafirmo com este trabalho a potência da arte como espaço de reconstrução identitária e de preservação afetiva. O bordado, aprendido em ambiente familiar, reconfigurado como linguagem

¹⁸ "arremate", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <<https://dicionario.priberam.org/arremate>>.

contemporânea, revela-se uma forma de escrita simbólica e ancestral, que une o gesto individual ao coletivo.

O nó arremate, portanto, representa o fechamento necessário deste ciclo, garantindo, por assim dizer, que os fios da memória permaneçam firmes, sustentando a trajetória construída. Mais do que um fim, é a consolidação de um percurso que continua a se expandir, como o mar que inspira e acolhe, e o azul que permanece como vestígio daquilo que foi tecido entre lembranças, afetos e arte.

Em *Gesto Inacabado*, Cecília A. Salles (1998) traz:

A intenção do artista é por obras no mundo. Ele é, nessa perspectiva, portador de uma necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, como veremos, alcance está na consonância do coração com o intelecto. Desejo que nunca é completamente satisfeito e que, assim, se renova na criação de cada obra. (SALLES, 1998, p.30).

Da mesma forma que Salles ao afirmar que o artista cria movido por um desejo que nunca se satisfaz totalmente, mergulhei no bordado que se apresentou como gesto contínuo, que sempre se renova. Para mim, as obras produzidas não se encerram em si mesmas, ao contrário, constituem desdobramentos de uma busca interna que articula emoção e pensamento, memória e reflexão. E, vagarosamente, começo a retomar o fôlego depois desses momentos de apnéias e mergulhos metafóricos, pois como artista, ainda pretendo seguir estudando, pesquisando e desenvolvendo obras feitas por meio do bordado e da fotografia.

REFERÊNCIAS

"**memória**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <<https://dicionario.priberam.org/mem%C3%B3ria>>.

REVISTA CONTINENTE. **Bordado, arte contemporânea** - Revista Continente. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/secoes/reportagem/bordado--arte-contemporanea>>.

DE, L.; ROSA, S. **Bordado e resistência: A prática tradicional como potência para a autonomia feminina.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26037/4/BordadoResistenciaPratica.pdf>>.

SILVA, Maria Regina M. Batista e. **O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira.** 1995. 190 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 1995.

Ponto a ponto, o IBGE mostra um país de bordadeiras. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13210-asi-ponto-a-ponto-o-ibge-mostra-um-pais-de-bordadeiras>>.

"**achar o fio à meada**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <<https://dicionario.priberam.org/achar%20o%20fio%20%C3%A0%20meada>>.

DA, I. **Rosana Paulino: a mulher negra na arte.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/rosana-paulino-mulher-negra-na-arte/>>.

Designing the Emblem of the United Nations. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-emblem-and-flag#:~:text=Designing%20the%20Emblem%20of%20the%20United%20Nations&text=The%20%E2%80%9CUN%20blue%20colour%20was%20opposition%20to%20red%20for%20war>>.

MOCERI, F. **REAÇÃO À COR: A COR COMO FORMA DE EXPRESSÃO.** [2012]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-11012022-110210/publico/TEFERNANDAGONCALVESMOCERI_REV.pdf>.

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade.** Lisboa: Estampa, 1997.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação.** 4. ed. São Paulo: E. Blucher, 1990. 223[8]p. (Ciências e técnicas empresariais e de comunicação).

SILVA, Maria Regina M. Batista e. **O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira.** 1995. 190 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 1995.

Juliana Naufel (naufss) | WOW. Disponível em: <https://womenonwalls.co/juliana_naufel_naufss>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ABREU, Ana Cláudia de; BENINI, Ana Maria Leopaci. **Etnodesign como ferramenta de resgate da memória brasileira nos artefatos indígenas.** Icônica, v. 2, p. 209-235, 2016.

Pintura Habitada. Disponível em: <<https://gulbenkian.pt/cam/works/pintura-habitada-156660/>>.

Yves Klein: O Mestre do Azul e Além. Disponível em: <<https://arteref.com/arte/cor-corpo-e-imaterial-yves-klein/#:~:text=O%20Significado%20por%20Tr%C3%AAs%20do,sobre%20quest%C3%B5es%20existenciais%20e%20transcendentais>>.

Blue is the Warmest Colour. Disponível em: <<https://www.vogue.pt/blue-is-the-warmest-colour>>.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria.** Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

TUCKER, Márcia. **A estrutura da cor.** In: BATTOC, G.(org.) **A nova arte.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

La Imagen Justa - **Estudo Para um Enriquecimento Interior.** Disponível em: <<https://www.laimagenjusta.com/port/catalogo/visuales/estudo-para-um-enriquecimento-interior/>>.

REVISTA CONTINENTE. **Habitando a fotografia de Helena Almeida.** Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/secoes/curtas/habitando-a-fotografia-de-helena-almeida>>

"**arremate**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <<https://dicionario.priberam.org/arremate>>.

CECÍLIA ALMEIDA SALLES. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: Annablume, 1998.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
portador(a) do RG nº _____ e CPF nº _____,
na qualidade de familiar e/ou detentor(a) dos direitos sobre as fotografias provenientes de
álbuns de família, AUTORIZO o(a) estudante
matrícula _____, do curso de Artes Visuais - Bacharelado da Faculdade
de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás FAV-UFG, a utilizar as referidas imagens em seu
projeto artístico-acadêmico: Figuras 11,12,13 e 14. Declaro que:

1. A autorização destina-se exclusivamente a finalidades acadêmicas, pedagógicas, culturais e artísticas relacionadas ao referido projeto.
2. As imagens poderão ser apresentadas em: exposições; atividades ou eventos vinculados à instituição; portfólio artístico e acadêmico do(a) estudante; materiais impressos ou digitais produzidos pela instituição ou pelo projeto.
3. Não autorizo o uso das imagens para fins comerciais, publicitários ou quaisquer outros não mencionados neste termo.
4. A autorização é concedida gratuitamente, sem geração de vínculo contratual ou obrigação de pagamento.

Declaro estar ciente e de acordo com os termos acima.

Local: _____

Data: /12/2025

Assinatura do(a) Autorizante: _____

Todos os indivíduos mostrados nas figuras citadas no termo autorizaram o uso de sua imagem dentro deste trabalho. Acima, o modelo do documento usado.